

A Ilha dos Amores e a mitificação do herói n' *Os Lusíadas*

[...] É na Ilha dos Amores que assistimos à realização daquilo que constitui a essência da epopeia: o poeta torna imortais os feitos do herói nacional, elevando os nautas, que, metonimicamente, representam o povo português, à condição de deuses, pois Vénus “*Os Deuses faz descer ao vil terreno / E os humanos subir ao Céu sereno*”. Os marinheiros unem-se às deusas amorosas que os recompensam após o seu percurso iniciático, após a superação de todas as provações, num espaço onde encontram o amor, onde as deusas “*As mãos alvas lhe davam como esposas*” e onde “*Divinos os fizeram, sendo humanos*”, pois esta ilha “*Outra cousa não é que as deleitosas / Honras que a vida fazem sublimada*”. E, seguindo a linha de pensamento de acordo com a qual concretiza o carácter épico da sua obra, o poeta deixa um convite à continuidade da ação dos portugueses, apontando-lhes o merecido prémio.

O mito da Ilha dos Amores surge, assim, como algo que, de facto, não existe, mas que funciona ao nível do inconsciente coletivo, como a realização dos desejos humanos associados ao ideal de uma recompensa merecida, pois o mérito é real.

Finalmente, no Canto X, a ascensão dos heróis humanos na escala existencial é consumada, quando *Thethys* mostra a Vasco da Gama a máquina do mundo, constituída por onze esferas; no centro, encontrava-se a Terra, de acordo com a teoria de Ptolomeu, e os quatro elementos.

Vasco da Gama tem, então, acesso a uma visão do mundo para a qual contribuem as próprias descobertas realizadas pelos portugueses:

“*Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber, alto e profundo [...]*”

Ou seja, a divinização do herói nacional, tão temida por Baco, encontra a sua expressão plena no momento em que o nauta tem acesso ao segredo do Universo, ao conhecimento vedado ao mortal comum.

Os Lusíadas apresentam, assim, um homem que “é a medida de todas as coisas”, como defendia Protágoras, numa aceção humanista que se prende com uma determinada visão do mundo: o antropocentrismo, que substitui o teocentrismo medieval e, conseqüentemente, valoriza a razão em detrimento do dogma. É a apologia da experiência e do saber, e a crença nas capacidades ilimitadas do Homem que, em perfeita consonância com o espírito renascentista, encontramos na epopeia camonianiana. A origem da matéria épica é real e enraíza na História de Portugal, construída pelo povo luso, o herói do poema.

Não esqueçamos, porém, que são recorrentes, na epopeia, as alusões a um império que começa a desmoronar-se e a um Portugal ocioso e esquecido do seu passado glorioso.

JACINTO, Conceição, e LANÇA, Gabriela, 2007. *Análise das obras Os Lusíadas, Luís de Camões, Mensagem, Fernando Pessoa*. Porto: Porto Editora (pp. 55-56)

